

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

Textos 2005-2007

Caio Bruno

2005 – 2007

Neste segundo período que coincide com boa parte da faculdade os textos mudam. Saem os textos de amor juvenil e entram artigos e crônicas sobre assuntos diversos, vale destacar a “cobertura” do escândalo do mensalão em 2005 e da Copa do Mundo de 2006.

A partir de 2005, optei por classificar em texto pelo seu tipo (Poesia, Crônica, Política, etc.) para facilitar.

Caio Bruno

Conheça mais em: www.caiobruno.com.br

João Paulo II, uma personalidade política do século XX (03/04/2005)

A morte de Karol Wotjila, o Papa João Paulo II, chefe da Igreja Católica, não significa o desaparecimento apenas da liderança religiosa dos católicos. João Paulo II quebrou vários paradigmas no papado entre eles alguns políticos.

O polonês Wotjila foi eleito em 1978, sua terra natal, a Polônia fazia parte dos países da chamada "Cortina de Ferro", que eram os países com regimes comunistas alinhados à extinta União Soviética. João Paulo II que, sempre se opôs ao regime socialista de sua terra natal, trabalhou de forma incessante pela democracia e pela pluralidade política e religiosa nos países da "Cortina de Ferro" e na própria URSS.

Teve participação fundamental na derrocada dos regimes socialistas, no fim da Guerra Fria, na queda do Muro de Berlim e tentou uma aproximação entre judeus e palestinos, na eterna disputa do Oriente Médio. João Paulo II, foi o Papa da idade moderna e contemporânea mais atuante no meio político internacional e, representando,

interesses católicos ou não, sempre lutou pela Democracia.
Seu nome estará, com justiça, na lista das pessoas mais
influentes da história mundial da segunda metade do Século XX.

Lula quer o apoio do PMDB a qualquer custo – Política (06/04/2005)

O PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), desde que chegou ao poder em 1985, parece ter tomado gosto pelo mesmo e apoiou todos os presidentes que o país teve desde então. Porém como parece ser mais uma confraria de interesses do que um partido político, o PMDB é rachado em diversas lideranças e facções, e com o Governo Lula não é diferente, uma parcela é governista, outra de oposição e outra de “independentes” (ora apoiam o governo, ora não).

O Presidente Lula há duas semanas quer o praticamente “impossível”. Unir o PMDB em apoio para seu governo e para sua reeleição em 2006. Semana passada se reuniu com o presidente nacional do partido, Michel Temer (SP), um “independente”, que fora da tropa de choque de FHC, Temer saiu do Planalto com um discurso menos “independente” e mais Pró Lula.

Essa semana foi a vez do ex-governador de São Paulo Orestes Quéricia, que apoiou Lula em 2002, mas depois se tornou “independente”, Quéricia saiu declarando entre outras coisas pró governo que “a única coisa que pode unir o partido é o apoio ao Planalto”.

Lula já conseguiu “converter” ex-oposicionistas como o Deputado gaúcho Eliseu Padilha, uma antiga “viúva de FHC”, que agora frequenta as reuniões políticas do Palácio do Planalto. Além da “lábria”, Lula anda loteando o governo com seus “companheiros do PMDB”, um de seus mais fiéis aliados, o Presidente do Senado Renan Calheiros, emplacou o Senador Romero Jucá (RR) no Ministério da Previdência, Jucá está sendo investigado por calotes no INSS, que agora comanda.

Governabilidade e 2006

O objetivo de Lula com esses afagos é de garantir a governabilidade nesses dois últimos anos de seu mandato, e em médio prazo garantir o PMDB na sua aliança para a reeleição ano que vem, inclusive oferecendo a vice-presidência ao partido.

O interesse de Lula é no longo tempo de TV que o partido dispõe, cerca de 7 minutos diários, o que, para Lula, lhe garantiria uma vantagem enorme no horário eleitoral e uma folgada reeleição.

Caso o PMDB não embarque na candidatura Lula, o “plano B” desses encontros seria rachar ainda mais o partido, ou seja, assim como FHC fez em 1998, o PMDB não apoiaria ninguém, mas também não teria candidato próprio, iria cada um para um lado, para depois no (eventual) 2º. Mandato de Lula voltar para o governo.

É uma tática arriscada essa, pois todos nós sabemos que o PMDB não foi e não é um partido coeso, tudo dependerá de como estará a popularidade de Lula ano que vem. Se estiver alta, e Lula tiver fortes chances de levar no 1º. Turno, eles apoiam o governo, agora se Lula estiver em baixa, o PMDB lançará candidatura própria, ou então o que Lula mais teme: apoiar o candidato de PSDB – PFL.

Maluf perde espaço no PP e cogita candidatura a Deputado Federal – Política (07/04/2005)

Nesta quinta feira o PP (Partido Progressista) em convenção reconduziu o deputado Pedro Correa (PE) na presidência do partido. Além disso, essa convenção marcou um fato que já vinha se consumando, a decadência de Paulo Maluf dentro do PP.

Presidente de honra do PP, candidato à presidência da República em disputa com Tancredo Neves, ex-governador e ex-prefeito de São Paulo, Maluf até 2002 era a principal estrela do PP, partido que foi fundador ainda quando se chamava PDS em 1980.

Eleito deputado em 1982 com votação recorde (400.000 votos), amargou derrotas sucessivas até 1992 quando se elegeu Prefeito de São Paulo pela 2ª. Vez, seu prestígio era tanto que elegeu em 1996 seu sucessor o desconhecido Celso Pitta além de no mesmo ano assumir a presidência nacional do PPB (atual PP).

Saiu da prefeitura com 78% de aprovação e fortíssimo candidato a Governador em 1998, porém foi derrotado em pleito apertado para o Governador Mario Covas (PSDB).

Junto com a derrota começaram a aparecer as denúncias de corrupção, e Maluf começou a ser investigado por formação de quadrilha, evasão de divisas e lavagem de dinheiro, além do fracasso de Celso Pitta na prefeitura paulistana, o que corroeu sua popularidade e o fez entrar em declínio político.

Tanto que em 2000 foi para o 2º. Turno da eleição para a Prefeitura de São Paulo com apenas 0.5% de vantagem sobre o 3º. Colocado o hoje governador Geraldo Alckmin (PSDB), foi derrotado por ampla vantagem por Marta Suplicy (PT). Em 2002 e 2004 ficou fora do 2º. Turno, fato inédito em sua “carreira” política com uma votação cada vez menor (21% em 2002 e 12% em 2004).

Em 2003 o PP em convenção elege Pedro Corrêa presidente do partido em substituição a Paulo Maluf, Maluf começara a perder prestígio no seu partido, fato que se agravou depois das eleições de 2004, quando ele perde o controle da Executiva Paulista do partido.

Rumo à Câmara dos Deputados?

Rumores que circularam na convenção pepista dão conta de que Paulo Maluf será candidato a deputado federal. Com um eleitorado que diminui a cada eleição, mas fiel, Maluf se elegeria sem problemas deputado. Porém Maluf não se contenta com a Câmara, quer ser Governador ou no máximo Senador.

Com a falta de candidatos anti-PT, Maluf acredita que poderá polarizar com o candidato petista, mas seu partido não está disposto a lhe dar a legenda. No Senado a situação seria mais complicada, como tem apenas 1 vaga em jogo, teria que concorrer com o “imbatível” Eduardo Suplicy (PT) ou então talvez com o Governador Geraldo Alckmin (PSDB), caso o mesmo desista de seu projeto presidencial.

Se Paulo Maluf quiser continuar na política, talvez seu caminho seja mesmo a candidatura de Deputado, não terá muito poder e prestígio, mas sairá do ostracismo político que já dura 9 anos. Caso Maluf perca a eleição para Deputado, o melhor a ele será “pendurar as chuteiras” e talvez se dedicar a sua empresa Eucatex.

Lula une governo e oposição para funeral do Papa – Política (09/04/2005)

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva convidou os ex-presidentes José Sarney (um de seus grandes aliados), Fernando Henrique Cardoso (seu maior rival político), os presidentes dos poderes Legislativos, senador Renan Calheiros e o deputado Severino Cavalcanti e o presidente do STF Nelson Jobim, para irem ao funeral do Papa João Paulo II em Roma, onde lá encontrariam com o ex-presidente e atual Embaixador do Brasil na Itália, Itamar Franco.

Sinal de prestígio ou Marketing?

Com essa atitude o Governo demonstra o respeito e a importância que João Paulo II e a Igreja Católica têm por parte do Brasil, afinal o país é o “maior país católico do mundo” e nada mais “justo” do que a “cúpula” do país prestigiar o funeral.

Por outro lado a comitiva de Lula para o Vaticano gerou uma boa imagem perante a população, uma imagem de um chefe de estado “diplomata”, o que lhe pode render pontos a mais nas intenções de voto para 2006 e na sua popularidade.

Lula sabe disso e sabe usar sua imagem e criar fatos e acontecimentos que lhe são favoráveis como ninguém. Além de maturidade política ao convidar aliados que já foram inimigos e inimigos que já foram aliados, casos de Sarney, Lula, FHC, Itamar, Calheiros e Severino.

É tudo questão de interpretação.

Lula concede primeira entrevista coletiva como presidente – Política

(01/05/2005)

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu nesta sexta-feira a primeira entrevista coletiva de seu mandato iniciado em 2003. Há tempos a imprensa e membros do governo cobravam uma entrevista coletiva do chefe da nação.

Rumores diziam que Lula evitava esse tipo de entrevista por ter de responder a perguntas embaraçosas. Entre outras coisas Lula disse ser “unha e carne” com o Ministro da Fazenda Antônio Palocci (sinal de que a economia não muda), que Romero Jucá e Henrique Meirelles continuam prestigiados, que o presidente da Câmara Severino Cavalcante é seu aliado e enalteceu o fim do casamento FMI – Brasil.

Nas poucas vezes em que foi indagado com perguntas mais duras, Lula se esquivou e preferiu a neutralidade como nas questões da autonomia do Banco Central, Segurança Pública, aumento para os Militares e Juros (tema que gerou polêmica no começo da semana).

“Difícil ver erros num governo que acerta tanto”

Quando perguntado sobre que erros ele identificava em seu governo, Lula disse essa nada humilde frase, mas depois reconheceu três erros. 1 – Falta de empenho na eleição da Presidência da Câmara 2 – Rodovias 3 – Juros altos.

“Lula foi muito bem ou os jornalistas que foram muito fracos?”

Das duas uma, ou Lula se saiu muito bem na entrevista ou os jornalistas é que foram fracos e não contundentes em suas perguntas. Faltaram perguntas de todos os tipos, como as promessas esquecidas de campanha, a máfia dos vampiros, a declaração desastrosa de Lula sobre o “povo brasileiro não levantar o traseiro” para reclamar dos juros, a inabilidade do setor político no governo, reeleição etc.

Nesta entrevista Lula se portou como o “Lulinha Paz e Amor” de 2002, sem críticas a ninguém e só elogios.

É inegável o poder de oratória e de comunicação do Presidente, mas talvez pelo sistema da coletiva, ou pelo nervosismo que a mesma gera, os jornalistas deixaram a desejar. Que venha a próxima.

Nas mãos do PMDB – Política

(26/06/2005)

Em dezembro de 2002, o então presidente eleito Lula renegou e rejeitou um acordo pré-estabelecido entre José Dirceu e Michel Temer, que dava dois ministérios de peso ao PMDB (Minas e Energia e Integração Nacional), naquela altura, Lula tinha 85% de apoio popular e estava no auge do prestígio achava que não precisava de um partido fisiológico (porém grande) para governar.

Depois de um ano de governo, deu dois ministérios à ala governista do partido, (liderada por José Sarney e Renan Calheiros), Previdência (com Amir Lando e atualmente com o enrolado Romero Jucá) e Comunicações (com Eunício Oliveira). Com um partido dividido, Lula conseguiu apoio das bancadas, mas não institucional (grande parte disso culpa da coordenação política do governo). Até estourar a crise do mensalão.

Questão de necessidade

Com o “rompimento” (a conferir) do PTB, e os aliados PL e PP em apuros, graças a denúncia de corrupção nas estatais e ao “mensalão” denunciado por Roberto Jefferson e o poder de fogo do PT diminuído por causa da crise.

Lula não teve outra escolha a não ser propor um acordo institucional com o PMDB velho de guerra, chamou Michel Temer (da ala “independente”) e Renan Calheiros para um almoço e definiu a proposta: Dobrar a participação do partido na Esplanada dos Ministérios, optando por 2 entre 3 opções (Minas e Energia, Integração Nacional e Cidades). Temer disse que vai analisar a proposta junto com o partido.

Entrar de vez ou pular fora?

Com um DNA governista desde os tempos de José Sarney no Planalto, a grande possibilidade é o PMDB entrar de vez no barco de Lula, participando ativamente do governo e se o Presidente estiver bem até lá, apoiá-lo na sua reeleição em 2006.

O projeto presidencial do ex-governador parece ser sua motivação de vida, afinal nos últimos dias com a ameaça da entrada pra valer do PMDB do governo, ameaçou até entrar na justiça para que o partido devolva os cargos na administração federal, uma vez que uma Convenção no final de 2004 definiu a saída do PMDB do governo, a convenção está sob disputa judicial.

Quem te viu quem te vê...

Lula e seu governo que em 2002 rejeitaram o PMDB, agora imploram o apoio do partido, tudo para garantir a “governabilidade” e que as coisas em Brasília tenham o mínimo de funcionamento.

Vem aí uma reforma ministerial para aconchegar de vez o PMDB e quem sabe incluir o PP no governo também.

Como diz o velho ditado “A ocasião faz o ladrão” (sem trocadilhos, por favor)

Nota de Pesar – Pessoal

(30/06/2005)

Nunca encarei o fato da morte, sempre fugi do senso comum perante á ela, mesmo quando ela bate na minha porta. Tento encarar a morte como os espíritas e orientais como uma passagem uma nova vida, enfim, um novo começo. Por isso a minha recusa em frequentar hospitais e velórios, mas às vezes a situação nos obriga.

Em 15/02/1997, minha avó materna faleceu aos 66 anos, vítima de Aneurisma Cerebral. Quando era pequeno (até uns 5, 6 anos na verdade), meus pais trabalhavam e eu ficava o dia inteiro na casa dela, de manhã ou tarde ia pra escola, mas boa parte do tempo com ela e com meu avô. Não senti tanto a morte dela talvez por ser novo demais (12 anos) ou por não querer encarar o fato mesmo. Não fui aos cortejos finais.

Em 13/12/2004 meu avô paterno veio de forma muito brusca e rápida falecer vítima de câncer aos 65 anos, mais uma vez relutei, porém fui visitá-lo no hospital e em seus cortejos fúnebres. Triste, muito triste, porém fui forte, quem fica precisa mais de apoio do que a pessoa que se foi.

Tento ser forte nesse exato instante em que há uma hora soube do falecimento de meu avô materno, também vítima de câncer, aos 70 anos (amanhã 1/7 iria para 71).

Nesse momento passa um filme na minha cabeça, momentos bons apenas, muitos. Nesse último mês em que ele piorou de saúde, preferi não visitá-lo, estava numa cama, até o início da semana quando foi internado em um hospital. Um exemplo de vida, de caráter e de tudo mais.

Vindo do interior, batalhou em São Paulo e venceu. Isso não importa. Escrevo isso para tentar me distrair. Escrevo isso para tentar ser forte, mesmo porque minha mãe, por exemplo, precisa de uma força. Uma lágrima acaba de cair.

É normal. Vá com Deus e em Paz!

O derrubador-geral da república – Política

(06/07/2005)

Em 2002, na montagem de seu ministério, o Presidente Lula criou secretarias e ministérios e nomeou para esses cargos petistas derrotados nas eleições daquele ano. Com o passar do tempo essa atitude se mostrou equivocada, pois diversos cargos estavam preenchidos por pessoas incompetentes e que estavam onde estavam por mera indicação partidária.

Apesar de seu governo, sofrer certa “lentidão” em algumas áreas, Lula até hoje nada fez, dizem que ele tem dificuldade para demitir “companheiros”.

Se Lula não demite. Jefferson...

Depois de ser acusado de liderar um esquema de corrupção nos Correios e no IRB (Instituto de Resseguros Brasil), o ex-integrante da tropa de choque Collorista, deputado e presidente do PTB Roberto Jefferson contra ataca e em uma entrevista à Folha de São Paulo cita um tal “mensalão” que alguns deputados federais ganhavam, cerca de 30 mil reais mensais, para votar com o governo e citava nomes de figuras importantes

como o Ministro da Casa Civil José Dirceu, o tesoureiro do PT Delúbio Soares, o secretário geral do partido Silvio Pereira e os líderes do PL e PP.

Logo Jefferson é chamado a depor no Conselho de Ética da Câmara e num discurso teatral em que acusa Deus e o Mundo (menos Lula, diga-se de passagem), dá um recado a José Dirceu: “Zé sai daí logo que senão você vai fazer réu um inocente que é o Presidente Lula”.

Dois dias depois...

E lá estava José Dirceu num discurso emocionado deixando a Casa Civil para defender sua “honra e a honra do PT”.

CPI instalada

E a imprensa sempre trazendo novas denúncias, agora também sobre certo “carequinha” que Jefferson se referiu no Conselho, o publicitário Marcos Valério, uma espécie de “braço amigo” do PT.

Em nova entrevista o presidente do PTB denuncia um suposto “Caixa 2” em favor do PT na empresa estatal Furnas, através de alguns diretores.

No dia seguinte...

O Presidente Lula afasta três diretores da estatal e abre sindicância interna para apurar as denúncias.

Enquanto isso...

O Governo tenta reagir, além das demissões e afastamentos já citados, Lula tenta um apoio mais sólido do PMDB e do PP, além de parar com as metáforas futebolísticas e assumir um discurso mais forte contra a corrupção, “Cortarei na própria carne se preciso” diz o Presidente.

A última edição de “Veja” é mais uma bomba para o PT, a revista mostra documentos mostrando que Marcos Valério honrou um empréstimo que o partido não conseguiu pagar, coincidentemente o publicitário tem a conta de várias estatais do Governo.

O Presidente do PT José Genoíno diz que assinou sem ler (???), por confiança a Delúbio.

2 dias depois...

Nesta terça (05/07) o secretário geral do Partido, Silvio Pereira, o “Silvinho” pede afastamento da Executiva, assim como o Tesoureiro Delúbio Soares. José Genoíno está na corda bamba na presidência do partido, caso se afaste assume a ex-prefeita Marta Suplicy, os petistas não sabem se mantêm Genoíno ou se pedem seu afastamento.

Em um mês Roberto Jefferson ajudou a derrubar pessoas importantíssimas do Governo e do Partido dos Trabalhadores, feito que nem petistas, e nem oposição conseguiram. Definitivamente é o “Derrubador” Geral da República. E ele promete mais...

CPIs vêm aí! – Política

(07/07/2005)

Enquanto a todo momento novas denúncias de corrupção vem à tona, via Roberto Jefferson e via imprensa. O Governo e sua (des) articulação política continuam batendo cabeça e depois de rejeitarem a CPI dos Correios, mudam de opinião e assinam o requerimento de criação.

CPI Mensalão X CPI Reeleição

Logo um grupo de partidos “independentes” (PPS – PV-PDT) começa a recolher assinaturas para criar uma CPI mista exclusiva para investigar o Mensalão, o número mínimo de assinaturas é conseguido graças ao apoio da oposição (PFL e PSDB).

Em mais um gesto desesperado o Governo anuncia a instalação da CPI da Compra de Votos que, além do Mensalão irá investigar a denúncia de compra de votos para a aprovação do projeto de reeleição no Governo FHC.

Depois de semanas de impasse, obstrução e negociação, o governo decide apoiar na última terça a criação da CPI do Mensalão que ganha um adendo em sua criação. Irá investigar também a “compra de votos”.

STF exige CPI dos Bingos

No início de 2004, quando explodiu o escândalo Waldomiro Diniz, a oposição recolheu assinaturas para uma CPI dos Bingos (na prática investigaria Waldomiro), com o mínimo de assinaturas obtido a CPI foi declarada criada. Porém a base do governo (PT, PMDB, PSB, PTB, PL) se recusou a indicar os integrantes, caberia ao então Presidente do Senado José Sarney (PMDB), indicar. Não indicou.

Com a negativa a oposição vai ao STF e depois de um ano consegue a instalação da CPI, obrigando o Presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB) a indicar os membros. Ensaia-se um acordo entre governo e oposição, mas Renan rechaça o acordo, e a CPI sai do papel. Em breve estará em funcionamento.

CPI dos Correios

Os primeiros depoentes são do caso da estatal, mas logo parte para o grande alvo, o caso do Mensalão. Roberto Jefferson, Marcos Valério e a ex-secretária de Valério depõem a CPI, cujas sessões se arrastam por 10 horas às vezes.

A oposição promete tentar uma acareação entre Dirceu e Jefferson, e convocar Delúbio, Genoíno, Silvio Pereira e José Dirceu para depor, ou seja, como dizia o ex-deputado e já falecido Ulysses Guimarães, “Uma CPI a gente sabe como começa e não sabe como termina”.

E Lula?

O Chefe da nação tenta sair da imobilidade ao dar declarações contundentes contra a corrupção e ações de investigação. Até o presente momento ensaia uma ampla reforma ministerial, trocando políticos por pessoas com perfil mais técnico (Dilma Rousseff na Casa Civil e Silas Rondeau nas Minas e Energia, por exemplo).

As denúncias não chegaram até ele e não se sabe se chegará.

A Oposição?

O PFL já declarou publicamente que pedirá o Impeachment de Lula caso venha a ser provado seu envolvimento na lama toda que está contra seu governo e seu partido.

Já os “moderados” tucanos, ensaiam nos bastidores uma aproximação com Lula (sabe Deus com que intenção) dizem que é importante para as “instituições” manter o Presidente até o fim do mandato.

O PSDB na verdade joga para manter Lula enfraquecido no Planalto para poder derrotá-lo em 2006, além disso, também por que o Publicitário Marcos Valério é prestador de serviços e tem relações com alguns governos do PSDB e com alguns tucanos ilustres.

Morre Miguel Arraes – Política

(15/08/2005)

No último sábado, morreu o ex-governador e presidente nacional do PSB (Partido Socialista Brasileiro), deputado Miguel Arraes (PE) aos 88 anos.

Trajetória Política

Arraes foi deputado, secretário de estado, prefeito e governador de Pernambuco por 3 vezes. Em 1962 foi eleito pela primeira vez governador, dando apoio ao governo de João Goulart e com ideologia de esquerda foi deposto e preso no dia do Golpe Militar e expulso do país, onde só voltou com a lei da anistia em 1979. Filiou-se ao MDB que em 1980 passou a se chamar PMDB, foi eleito deputado federal em 1982 e em 1986 foi eleito novamente governador de Pernambuco. Em 1987 cria o PSB, em 1990 se elege novamente deputado federal (o mais votado na ocasião), em 1994 reassume o Estado de Pernambuco, em 1998 perde a reeleição para Jarbas Vasconcelos (seu antigo aliado) e em 2002 se elege novamente deputado.

Enas eleições presidenciais

Arraes em 1961 apoiou João Goulart e foi contra a Ditadura que, ao tomar o poder, o mandou para um amargo exílio de 15 anos na Argélia, em 1985 apoiou a contragosto Tancredo Neves.

Em 1989 nas primeiras eleições diretas em 30 anos, o PSB apoiou o candidato do PT Luiz Inácio Lula da Silva, apoio esse que se repetiu em 1994 e 1998. Em 2002 Miguel Arraes crítico feroz do governo FHC, foi o grande avalista da candidatura do ex-governador carioca Anthony Garotinho, que foi derrotado no 1º. Turno. No 2º. Turno apoiou o atual Presidente Lula. Seu partido, o PSB faz parte da base de apoio do governo Federal.

Com a morte de Miguel Arraes a esquerda brasileira fica órfã de mais um de seus “mitos” e a política brasileira de um dos raros políticos que tiveram participação na vida nacional antes de 1964. Prestes se foi em 1990, João Amazonas em 2003, Leonel Brizola em 2004 e agora Arraes.

Sobra quem de “mito” para a esquerda? Lula? Talvez seja o último, talvez não.

32 anos – Poesia

(16/09/2005)

Nossa!

Consegui superar 32 anos a sós.

Ou quase a sós

Tudo que eu tinha pra viver eu não vivi

E o meu tempo todo eu perdi

Vi governos surgirem e caírem

Pessoas nascerem e morrerem e confesso nunca entendi muito bem nada.

Mas para todas as circunstâncias eu sempre soube tudo sempre condenei tudo e sempre apoiei tudo.

Pobre ilusão

Nunca estive nem aí para os outros

Posava de boa pessoa, pela ocasião

Só para ver se sobrava algum para mim

E sobra, viu!

Continua sobrando

Vou correr, berrar e me entorpecer por aí
Pra ver se esqueço desse ser infame que sou
Infame, insensível e mal amado.

A vida cobrou muito de mim
Trabalhar, estudar e ainda dormir.
Também sei calcular, raciocinar e dirigir.
Além de tudo isso tenho que manter meu corpo esbelto e o
rosto perfeito.

Ah, mas a vida!
Doce vida, doce infância
Época muito boa, tudo era bonito
Eu errava e me ensinavam
Eu falava e não me censuravam.

Mas agora, o que sou?
Eu sou pedaços de um homem que um dia eu sonhei ser Pois,
sou um pouco de você em mim.

Vinte e um – Pessoal

(23/10/2005)

21.

É isso mesmo.

Vinte e um.

Agora é a maioria total, não adianta recorrer ao novo e nem ao velho código civil.

O que será de mim? Eu não sei.

Se eu mudarei? Eu não sei.

É apenas uma data no calendário, nem ligo.

252 meses, 7665 dias.

Foram úteis? Inúteis? Bah!

Eu envelheço e pronto.

Feliz aniversário para mim.

Crianças no comando – Política

(10/11/2005)

Os políticos de Brasília devem estar com saudades da infância. PSDB e PT brigam como crianças mimadas, mas no fundo se amam.

Tem uma CPI (apelidada maldosamente de CPI do "Fim do Mundo") que foi instalada para averiguar os bingos, mas agora todo e qualquer assunto ela "investiga".

Ela lembra as crianças, que quando vão à praia ficam abrindo buracos na areia atrás de tesouros, mas não acham nada, o problema é se eles se auto envenenarem. Tem gente querendo dar uma "surra" no Presidente. Não, não é uma surra nas urnas – uma surra política – , é uma surra mesmo. Porrada!

Perderam a compostura e parecem apelar para qualquer manchete de jornal. Eles lembram aqueles moleques que brigam por um motivo qualquer na escola ("Ele roubou meu pirulito" "Ele tem uma caneta mais bonita que a minha" etc.)

e depois dizem com ódio no olhar. "Eu te pego na saída". Aliás, neste jardim da infância, quem pega quem na saída? Eles ou Nós?

Dia Morto – Poesia
(18/11/2005)

Dia morto
Pessoas mortas
Atrás da Porta
Nada de novo

Dia morto
Eu em casa
Jogado às traças
Um cheiro de mofo

Dia morto
Existe alguém
Sem ninguém
Sou mais um tolo

Dia morto
Um dia que morre
Um dia nasce
Um dia explode

Dia morto
Minha cara de sono
Sofrendo de insônia
E um pouco insano

Dia morto
O tempo não passa
Eu quebro vidraças
Que não dão em nada

Dia morto
Sei que sofro
Por tudo que ouço
E isso é pouco

Dia morto
Parado, sem graça
Nenhum sinal de fumaça
Para me despertar

Dia morto

Estacionei no sinal

E ele estava fechado

Continuo parado

Dia morto

E esse papo cansou

Vou continuar no mesmo lugar

onde estou.

Para cego - Poesia

(05/12/2005)

Sou cego

Não enxergo nada

Nem faço questão de enxergar

Sou cego

Nada do que você fala é verdade

Não posso acreditar que é

Sou cego

Acredito demais nas pessoas

Vou continuar acreditando

Sou cego

Deus me fez assim

O que posso fazer?

Sou cego

Me arrependo do que faço

Mas não desisto nunca

Sou cego

Eu sigo o que dizem

Eu faço o que mandam

Sou cego

E vou continuar sendo

No fundo, eu gosto.

Para meu avô – Poesia

(13/12/2005)

Já faz um ano que você nos deixou
E nesse ano pouca coisa mudou
A não ser a falta da sua amizade
Da sua companhia e da sua sinceridade

Ainda me lembro de nossas conversas
Do primeiro presente de Natal e das promessas
Também me lembro dos jogos, do baralho
De tantas festas de aniversário
A vivência, os pensamentos as histórias e os ensinamentos.
Hoje estou aqui, lembrando a ti Que tanto nos fez sorrir

Minha primeira cena ao seu lado
Minha última cena ao seu lado
Tudo para mim se torna inesquecível
Tudo isso se torna dolorido, sofrível.

Esteja onde estiver, te quero ver

Com a alegria que você sempre fez questão em ter

Esteja onde estiver, estamos com você.

Em pensamentos, saudades, lembranças

Sempre com você no coração.

Amizade – Pessoal

(15/12/2005)

O que é a amizade pra você? O que você classifica como amizade? Boa pergunta, não? Falando por mim. Eu nunca tive um círculo social pra valer, as pessoas entram e saem da minha vida com uma rotatividade enorme e as que ficam por mais algum tempo acabam me decepcionando de alguma maneira e somem.

Quando criança, logo que eu formava um círculo social eu me mudava de casa e de escola. E aí? Bye Bye tinha que começar tudo de novo. Pensei que as coisas iam mudar em 1997, na 6 a. série, quando conheci uma turma bacana. Logo me identifiquei com um moleque em especial, o Valmir. Ele gostava das mesmas coisas que eu (Porcarias da TV , música etc..) e detestava as mesmas coisas que eu (futebol, por exemplo), pensávamos parecidos e tal.

Com o passar do tempo se tornou meu amigão, os anos iam se passando a gente nem estudava mais na mesma sala, mas a amizade continuava. Até que em 2000 sua família vai para Serra Negra, um ano depois chega a notícia. Ele morreu de coma alcoólico (estranho, porque ele não bebia). Deve ter se desiludido ou entrado em más companhias.

Paralelamente a isso, eu tinha um círculo razoável de amizades na vizinhança, até 2002, quando me mudei, perdi contato e pessoas que eu considerava me traíram.

2004. Faculdade. Gente estranha para todos os lados, tribos etc. A partir daí comecei a dar mais atenção a essa palavra (Amizade). Algumas das pessoas com quem eu conversava, no primeiro ano e que se diziam minhas amigas, hoje nem falam comigo – e saber que em 2004 eu escrevi "Fiz amizades que pretendo manter além dos 4 anos da faculdade" – tolo eu.

Atualmente pareço ter encontrado uma turma legal, que pensa mais ou menos como eu, que dá pra trocar uma ideia tranquilamente. São pessoas que podem render uma boa amizade hoje e no futuro. Espero que dê certo.

o sempre na tecla de "amizades futuras", talvez seja o medo natural do ser humano de não querer ficar sozinho. Mas meu conceito de amizade é muito elástico.

Pra falar a verdade, não tenho conceito. Pessoas com as quais eu falo todo dia, não me consideram seu amigo e isso me força a pensar o mesmo delas. Já outras pessoas, com as quais não falo há anos, tenho certeza que quando nos encontrarmos vai ser como que a gente se falasse todo dia.

É tudo relativo mesmo. Será que encontro minha tribo? Será que encontrei? Acho que às vezes me preocupo à toa, estou com 21 anos. Jovem. E isso a vida há de encaixar. É muita piração mesmo, eu sei. Por hoje chega.

Todos morrem – Poesia

(21/12/2005)

Ninguém nasce, todos morrem e eu vou ficando sozinho

Vejo as pessoas ao meu redor desaparecerem

Guardo sempre um pouco delas em mim

Suas irresponsabilidades e mancadas são ensinamentos

O exemplo, a história engraçada

Vivo observando nossas semelhanças, o lado bom das pessoas

Um abraço e o bom humor

Às vezes acho que estou sendo saudosista demais

E eu, em minha arrogância, condeno o saudosismo

Não estou nem aí para a minha e a sua teoria

Sou o que sou!

O Natal – Pessoal

(24/12/2005)

Então é Natal! O que é esse dia pra você? Evento social, comercial ou religioso? Quando eu era moleque adorava o natal. Família reunida, presentes e é claro, a devoção e o respeito ao aniversariante do dia. O tempo foi passando e minha concepção sobre a data mudando. A família reunida, às vezes, não era sinônimo de alegria e sim de hipocrisia.

Comecei a achar no mínimo estranho algumas pessoas que não se falam e /ou brigam o ano inteiro dando um caloroso abraço à meia noite.

A festa familiar mudou também. Algumas pessoas chegaram, outras partiram e a ceia nunca mais foi a mesma daqueles tempos de infância. A idade foi passando e os presentes minguando (ou mudando), até aí tudo bem é normal. Natal virou data comercial e isso começou a me desanimar também.

Quanto ao dia religioso, eu cresci e fui ver diferentes maneiras e visões de se entender a data. Longe da versão "oficial", descobri que talvez Jesus não tenha sequer nascido neste dia. Pode parecer que estou decepcionado com o Natal, mas não estou.

Estou é cansado do "modus operandi". O espírito natalino continua a me pegar, mas de outra forma pra mim. Natal na minha visão, é confraternização com quem realmente gosta de você e de quem realmente você gosta.

É tempo de refletir, sobre o significado das coisas, da vida, da sua vida, de Deus e lembrar-se dos ensinamentos desse cara chamado Jesus. O aniversariante.

O Natal tem aquela coisa de êxtase da raça humana, da união dos cristãos, dos bons sentimentos aflorados, da tradição, da Missa do Galo (esse ano vai ser o primeiro que o Papa João Paulo II, não celebrará). O negócio é manter o bom sentimento o ano inteiro. Ou tentar.

O texto foi para o lado filosófico-racional-hippie de propósito. Tentei mostrar que, para mim pelo menos, o natal é muito mais que presente e chester, não que isso não seja bom.

É e faz parte da festa. Mas podemos explorar bem mais o natal e seu significado.

Viva o Natal! Um Bom Natal pra você e pra toda sua família!

O tempo passa – Pessoal/Memórias

(03/01/2006)

Em junho desse ano, se comemora 10 anos de que, direta ou indiretamente eu decidi o que eu gostaria de ser na vida.

Jornalista. Sempre gostei de TV, jornal e revista (com 8,9 anos eu lia o jornal inteiro todo dia), mas até pensar em seguir a profissão de jornalista eram outros 500. Até que em 23/06/1996 fiz meu primeiro texto fora da escola e de afins.

Eu, então com 11 anos, escrevi uma crítica sobre a programação da TV na época. E todas as segundas, quartas e sextas de 1996 até 11/02/1997 eu escrevia uns textos que achei por bem definir de "crônicas". Hoje eles seriam classificados como "artigo", mas na época nem sabia direito a diferença entre um estilo e outro.

Nessa época, vieram textos sobre a TV, histórias fictícias e opiniões sobre política (sim, política). Comecei a me empolgar com aquilo e vivia prestando atenção nos repórteres da TV, programas de rádio, nos textos dos jornais e nos diferentes estilos de jornalismo.

Aquilo me empolgava e eu imaginava (e continuo imaginando) o quanto prazeroso devia ser trabalhar com aquilo. E decidi que queria ser jornalista. Já se passaram 10 anos disso e apesar de todos os problemas, oposição e percalços. Eu continuo nesse caminho. É uma coisa que eu gosto.

De 23/06/1996 a 11/02/1997, eu tinha produzido uns 40, 45 textos. Que se perderam em computadores formatados, e na mudança de casa. Sobraram 7. Alguns perdidos eu ainda lembro de cor. Talvez em Junho, quando essa ideia maluca completar 10 anos eu posto alguma coisa aqui.

Terça no Parque –Pessoal

(18/01/2006)

Terça, 10/01. Estava precisando terminar uns artigos e a leitura de uns livros para o trabalho de pesquisa. Não conseguia me concentrar em casa e a preguiça para ir ao IMES era maior. O que eu fiz? Resolvi passar uma tarde no Parque "novo" de São Bernardo lá na Av. Kennedy. Afinal eu não o conhecia ainda e talvez lá eu conseguisse finalizar o trabalho.

Cheguei lá às 13h30 e é um belo local. Uma boa estrutura, pistas de caminhada, diversos pontos de descanso, lanchonete, fontes de água etc. Nem parecia que estava em plena selva urbana com seus carros e caminhões. O sol estava escaldante e mesmo assim aproveitei a tarde espairecendo um pouco. Refletindo sobre atitudes, pessoas e o meu "way of life".

Isso me fez ver como sou um atrasado e perco meu tempo com besteiras e coisas que não valem a pena. Um momento de reflexão solitária é bom às vezes.

Quanto aos livros e artigos? Não tive muito avanço, quase nada. Mas só de sair um pouco do porre da rotina já valeu a pena. De vez em quando eu tenho momentos de lucidez e sintomas da "Geração saúde" rs.

O post era pra ser publicado no dia mesmo, mas fui adiando, adiando. Pra falar a verdade tô meio cansado de computadores, ando entrando pouco mesmo. Por isso esse post datado.

Chico Buarque X Roberto Carlos – Artigo

(25/1/2006)

Quem tem acesso ao Orkut, pode presenciar uma discussão interessante que acontece há alguns dias em uma das várias comunidades dedicadas a Chico Buarque. Tudo começou quando um rapaz teve a “audácia” de expor sua opinião dizendo que Chico e Roberto Carlos eram “os caras” da MPB.

Choveram críticas de pessoas condenando a “heresia” de “rebaixar” Chico Buarque ao patamar de Roberto Carlos, além de ofender e renegar a obra do “rei” na MPB. Esta atitude a meu ver é puro preconceito com o que é popular. Isso não é de hoje.

Na minha humilde opinião, Roberto Carlos e Chico Buarque são os caras da MPB, sim. Um mais popular e outro mais elitizado. No que eles se prontificam a fazer (música) eles são ótimos cada um no seu estilo. Não dá para comparar. Ambos falam de amor, mas cada qual com sua visão.

Chico escreve com mais lirismo e porque não, mais cultura. Tem origem na intelectualidade, seu pai foi um dos maiores sociólogos do Brasil.

Já Roberto, era um garoto pobre de Cachoeiro de Itapemirim, com pouco acesso a estudos e decidido a ser cantor.

Chico institucionalizou a música de protesto em nossa cultura e Roberto Carlos o Rock n'roll. Chico fala da alma feminina com a sutileza de poucos, Roberto interpreta e fala de amor com maestria. O que acaba incomodando é o preconceito com o que é sucesso, com o que é popular.

Sempre foi assim. Nos anos 70, por exemplo, RC, Silvio Santos, novelas e Chacrinha eram ridicularizados pela crítica. Era muito comum ver pessoas comentando novelas, ou músicas populares e antes diziam a seguinte frase: “Eu não (ou) vi. É que minha empregada assiste (ou ouve)”.

Belchior foi felicíssimo ao escrever “Como Nossos Pais” (1976), essa música retrata bem a mediocridade e a não evolução de certas pessoas da sociedade. “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.

Para um amigo – Poesia

(25/04/2006)

Pisa no freio, cuidado!

Algo de errado pode acontecer.

Mas o quê?

Já está tudo perdido mesmo.

Sempre existe uma esperança, mesmo que pequena.

Hum, use a razão.

Esqueça a emoção

Você conseguiu fazer isso por anos.

Por que não, agora?

Quem sabe um choque de realidade?

Quem sabe um confronto de visões?

Já se colocou no lugar dela?

Gostaria de estar no lugar dela?

Sei que é difícil, mas coragem

Sei que é confuso, mas coragem

Você não tem suporte para encarar

E sabe disso

Só não quer ver

Boa sorte.

O bloco da Ford – Pessoal/Memória

(27/05/2006)

Que saudades do bloco da Ford, quando eu sentava no sofá e junto com uma esferográfica mandava ver textos ásperos e adultos misturados com viagens e sonhos de um pré-adolescente. Eu já tinha o computador, mas aquele bloco me fascinava escrever a mão me encantava. Tô viajando? Tô mesmo, mas eu explico.

Em 1996, meu pai trabalhava na Ford e vivia trazendo alguns brindes que ganhava lá como chaveiros, canetas e certo dia um bloco de anotações. Sabe-se lá por quê, um belo dia comecei a escrever textos nesse bloquinho, acho que de tanto ler jornal e ver TV isso me incentivou a expor o que eu pensava. Logo escrevi freneticamente durante uns 4 meses, eu até fazia uma periodicidade, era de Segunda, Quarta e Sexta, depois eu passava tudo para o Word.

Com o passar do tempo eu comecei a escrever direto no computador, mas aí desencanei um pouco disso.

Vieram a separação de meus pais e o falecimento de minha avó e isso mexeu comigo. Guardei esses textos até 2001, quando jogaram eles fora sem meu consentimento.

Agora é só na lembrança mesmo, mas talvez esteja aí o embrião do que sou hoje e do que serei no futuro.

De repente é aquela corrente pra frente –Artigo (06/06/2006)

Pois é, mais uma copa do mundo se aproxima. Mais uma vez veremos o país parar, as pessoas esquecerem seus problemas, os velhos jogos da Copa de 1970 e tudo isso ao som de clássicas marchinhas como essas: “A Taça do mundo é nossa, sou brasileiro não há quem possa...” ou então “90 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção...”.

Confesso que gosto dessas músicas acima, aliás, eu gosto do clima de Copa do Mundo. Exageros à parte é uma das poucas coisas que cria um clima de comoção nacional no país, uma união suprapartidária, racial e social. É bonito ver isso.

Eu sei, eu sei que o futebol não é o instrumento mais adequado para essa conciliação nacional, mas pelo menos existe esse abraço coletivo no Brasil, têm povos e países que vivem em guerras há anos e sem tréguas.

Já fui fanático por futebol. Principalmente quando criança e início da adolescência, de 1992 a 1998 para ser mais exato.

Em 1998 teve aquela final Brasil X França, em que o Brasil perdeu feio o jogo e até hoje não me convenceu de que perdeu por meios “lícitos” eu diria. Me decepcionei e desde então meu desencanto e meu desinteresse por futebol só aumentaram.

Em 2002 mal torci pelo Brasil, estava com um monte de problemas para resolver e a Copa ficou em segundo plano. Este ano estou mais animado, mais embalado pelo clima, mas como um bom palpiteiro e ex- boleiro que sou posso lhes adiantar o seguinte: O Brasil não ganha essa Copa.

Por quê? Porque é um fato histórico, toda vez que o Brasil vem como favorito ele perde (salvo exceção em 1962), o time e o povo estão muito de salto alto, acho que alguma zebra irá surpreender.

No meu palpite dá Alemanha. Apesar de torcer pelo Brasil. Engraçado, é que modéstia a parte eu sou um conhecedor de história das copas, sei todos os campeões e vices, o placar das finais e todos os países que foram sede. Isso é herança da época em que eu era boleiro. Às vezes tenho saudade desse tempo, me remete a infância.

Bem, é isso! Já colocaram uma bandeira do Brasil na sacada do meu Apartamento, olho nas ruas e nos carros e encontro mais bandeiras da pátria e vamos cantando: “Vamos todos juntos, Pra Frente Brasil, Brasil, salve a seleção.”

Mais uma Copa - Artigo

(10/06/2006)

Pronto! Parem as máquinas, esqueçam os problemas, e ignorem, se os preços aumentarem. Lula vai ganhar? O PCC vai atacar? O dólar vai subir? Nada disso importa agora, pois começou a Copa do mundo, o “maior espetáculo da terra”. Vi um pedaço da abertura e gostei.

Liguei a TV no momento em que Pelé carregava emocionado (e emocionando) a Taça Fifa, (é incrível, mas o Pelé emociona a cada brasileiro até hoje, não?) depois assisti a uma homenagem às 7 seleções campeãs do mundo com alguns jogadores dessas equipes. Em ordem crescente de títulos: Inglaterra, França, Uruguai, Argentina, Itália, Alemanha e Brasil.

Prazeroso ver Rivelino, Carlos Alberto Torres, Pelé (novamente), Raí, Branco, Djalma Santos e tantos outros. Confesso que atualmente gosto mais da Copa do Mundo, como instituição mística do esporte e da humanidade do que do futebol e dos jogos em si

(Em tempo: Alemanha 4 X C. Rica 2 e Equador 2 X Polônia 0, foram os jogos desse primeiro dia).

Vida longa à Copa! O destino e suas peças. Um dia antes do início da Copa, morreu o narrador Fiori Gigliotti, lenda viva do jornalismo futebolístico no Brasil.

Fiori iria presenciar sua 15ª. Copa. Luto na imprensa em geral.

Brasil 1 X Croácia 0 – Artigo

(13/06/2006)

Hoje o Brasil estreou na copa contra a Croácia e venceu pelo magro resultado de 1 a 0. Se eu tivesse apostado em um bolão teria acertado, passei essa semana e a passada dizendo: “O jogo vai ser 1 a 0 e bem suado ainda”. E foi mais pelo Brasil do que pela Croácia. Os croatas jogaram um futebolzinho meia boca, na retranca e à espera de contra ataques.

Nenhum lance bonito em equipe e nenhum destaque individual, teve seu ápice na primeira metade do segundo tempo, quando encurralou o Brasil ,e se não fosse por Dida, teriam marcado gol(s). O Brasil jogou mecanizado, pareciam jogadores de pebolim fixos em suas posições.

Não se movimentou, e todas as jogadas de finalização (aí eu incluo o gol do Kaká) foram de lances individuais, como as bombas de Roberto Carlos e Kaká. Ronaldo, o gordo, e Adriano praticamente não jogaram, Robinho tentou mostrar serviço, mas com um meio campo apático de nada adiantara. Destaque mesmo vai para: Kaká, R.Carlos, Lúcio, Juan e Dida, o salvador da pátria.

A Croácia “fez e desfez” no lado esquerdo, definitivamente o ponto fraco da seleção brasileira. Domingo tem jogo contra a Austrália, a mesma que virou de forma surpreendente pra cima do Japão. Parreira tem de mexer e corrigir alguns pontos essenciais, porque senão, bye bye hexa:

Marquem bem a Croácia. Vamos ouvir falar muito dela nessa copa ainda. Mas tirando isso tudo, já dizia a máxima do futebol. “O que vale na copa do mundo é vencer”, e o Brasil venceu.

A TRANSMISSÃO GLOBAL

Bandeiras, bonés e camisetas à mostra, cornetas tocando freneticamente, são 15h20 da tarde e faltam 40 minutos para a estreia do Brasil. Todos, ou quase todos, os televisores do Brasil ligados na Rede Globo. O Brasil faz o reconhecimento do campo e eu ligo à TV meio por acaso no justo momento em que Galvão Bueno (nosso eterno mala) anuncia que o “coração brasileiro bate mais forte, amigo”. Nada mais chavão, ele deve ter falado isso em todas as copas que narrou (pelas minhas contas de 1986 em diante). A seleção reconhece o campo, oh coisa interessante!

Às 16h a seleção entra em campo, o hino nacional e o pontapé inicial. Pronto, o Brasil esquece os problemas, é a anestesia geral. Os comentários de Casagrande, Falcão, Arnaldo César Coelho e a narração histriônica de Galvão me fazem sentir falta de quando a Globo não era a única a passar a Copa.

Na “ESPN Brasil 2” passava um documentário sobre os três primeiros títulos nacionais, por uns 15 minutos preferi rever os velhos filmes da Copa de 1970 e Carlos Alberto contando histórias num péssimo inglês. Fui vencido pela ânsia de ver o jogo e voltei para a Globo.

Domingo, depois do jogo, tem mais um post futebolístico. Até que é legal falar sobre isso.

PALPITE: Brasil 2 X Austrália 1

Brasil 2 X Austrália 0 – Artigo

(18/09/2006)

Pois é, errei no palpite do jogo. Mas errei por pouco, coloquei 2 a 1 e foi 2 a 0 e a culpa de eu ter errado foi de Dida e da falta de técnica da Austrália, porque o Brasil conseguiu jogar igual ou pior do que contra a Croácia. Apático, sem formação tática e um eterno dependente de lances individuais.

Esta é a seleção brasileira atual. Não sabe marcar e foi marcada muito bem pela Austrália, que com marcações individuais, em bloco e em linha acabaram com qualquer brilho do futebol brasileiro.

Do tal “quadrado mágico”, todos baixaram de desempenho, exceção de Ronaldo, o “gordo”, que melhorou um pouco sua performance e participou de alguns lances. Os dois gols do Brasil saíram de jogadas de pura sorte e sempre de lances individuais. Primeiro, o chute de Adriano, depois a bomba de Robinho e a bola sobrando limpa para Fred marcar.

Vale lembrar, a agonia que o Brasil passou durante a metade final do 2 tempo, com passes errados, contra ataques surpreendentes e mais uma vez Dida salvando a pátria (neste jogo ele deu suas bolas fora também...).

O mais lamentável foi ver o Brasil tocando a bola, fazendo cera, para acabar logo o jogo. Enfim, com medo da Austrália. A impressão que dá é que nossa seleção está “escondendo o jogo”, ou seja, não joga tudo que sabe, se guardando talvez para a próxima fase. Faz aquele básico para vencer e se resguarda.

O problema é numa dessas pegar uma surpresa pela frente. Não sei não, mas com esse rendimento o Brasil perde fácil para Argentina, Espanha e até para Portugal. Minha alegria será ver, agora, às 16h, a França perder e dar adeus a mais uma Copa. Será?

A TRANSMISSÃO

Galvão Bueno anda insuportável. Arrogante, ele corrige comentaristas e repórteres no ar sem a menor cerimônia.

Seu “falso otimismo” é de doer, passou o jogo inteiro elogiando o futebol da seleção e a atuação de Ronaldo, o “gordo”. No segundo tempo resolvi colocar na ESPN Brasil, uma transmissão mais sofisticada e aprimorada.

Fui obrigado a tirar a pedidos porque a “imagem da Globo é melhor”, Humpf! Saudades de quando quase todas as emissoras cobriam a copa. SBT e seu amarelinho, Record e sua mania de copiar a Globo e a Bandeirantes com uma linha mais puxada para a TV a cabo.

Tínhamos opções.

Brasil 4 X Japão 1 – Artigo

(25/06/2006)

Voltamos à programação normal agora e com atraso (devido a provas na faculdade) vamos aos comentários do último jogo do Brasil na Copa. Olha, pode ser que o Japão seja um time fraco (e ele é), mas o fato é que o Brasil mereceu ganhar do jeito que ganhou.

Desencantou, correu em campo, fez um desenho tático bacana, não deixou o Japão jogar e até Ronaldo, o "gordo", fez gols. Parreira está com um pepino agora, manter o time que jogou contra o Japão ou voltar o time "titular"?

O pessoal que jogou na quinta é bem mais ágil e com vontade de jogo. Nossos "figurões" titulares estão muito parados em campo.

E agora seu Parreira? Zico pegou a viola e pôs no saco.

Disse que agora vai para a Europa, boa sorte a ele.

Brasil 3 X Gana 0 – Artigo

(27/06/2006)

O Brasil ganhou mais uma e está nas quartas de final. Pega ou Espanha ou França. Venha quem vier, uma coisa é certa: Vai ser o primeiro jogo pra valer da nossa seleção. Até agora, o Brasil enfrentou adversários medíocres e jogou um futebol mediano. Ainda não foi testado em seus limites. Claro que nossa seleção jogou bem e fez por merecer a vitória.

Ronaldo, o "gordo", parece voltar a pegar gosto pela "redonda" e pelo campo verde de 4 linhas. Mas vale ressaltar a qualidade táctica pífia de Gana. Reparou que eles não faziam marcação o campo todo? Também não marcavam homem a homem. Preferiram fazer a arriscada táctica da "linha do impedimento", e nessa o Brasil fez os seus 3 gols e perdeu outros três.

Vitória muito fácil, como disse o Juca Kfourri, e enganosa.

Robinho faz falta. Hoje Cafu deu as caras, Kaká sumiu e Ronaldinho Gaúcho até agora não mostrou porque é o "melhor do mundo".

França 1 X ??? 0 – Artigo

(02/07/2006)

Na terça feira, logo após a vitória do Brasil sobre Gana, encontrei-me com um amigo que disse eufórico: “Ninguém segura essa seleção. Agora eles desencantaram”. Eu pensei bem e falei: “Cara, até agora eles não foram colocados realmente à prova”. E não foram mesmo. Nas oitavas eu torci pela Espanha, sabia que a França iria ser pedrada.

O Brasil vive com um fantasma de 1998 e até de 1986 nas costas. Pipoca para a França, assim como o Corinthians é freguês do São Caetano.

O JOGO...

Os franceses tiveram um adversário apenas nos 10 minutos iniciais, onde pudemos ver um Brasil forte, veloz, ofensivo, assustando e acuando a França. Depois disso? Bem, depois a França deslançou em campo e colocou a seleção canarinho na defensiva e desarticulou toda e qualquer jogada tática do Brasil. Um passeio.

Galvão Bueno disse com propriedade no final do 1º tempo: “Esse empate foi uma vitória para o Brasil”.

Pena que o empate não duraria muito, depois de mais pressão francesa, Henry faz o gol redentor e que assustou de vez o Brasil. A partir desse instante o Brasil parecia um time de várzea em campo. Vale destacar também o pífio desempenho de Kaká e Ronaldinho Gaúcho, a teimosia master de Parreira que só mexeu no time aos 25 min do 2º tempo.

Enfim, o Brasil está fora. Copa na Europa é assim mesmo. Os europeus sempre ganham (O único país não europeu que venceu, foi o Brasil em 1958). O Brasil tinha o melhor time, os melhores jogadores, mas não mostrou a que veio. Agora vou de Itália e Portugal. Mas a campeã? É a Alemanha, claro.

Por que Portugal? - Artigo

(06/07/2006)

Realmente sou péssimo em palpites e adivinhações. Errei todas as previsões de jogos do Brasil (exceto o 1º jogo), falei que Portugal ganharia da França e que a Alemanha seria tetra. Nada disso: O Brasil caiu, Portugal perdeu e a Azzurra despachou Klisnsmann e cia para a disputa do 3º lugar.

ORA POIS...

Muito bem. Depois que o Brasil perdeu para a França, a maioria dos brasileiros começou a torcer para Portugal. Os motivos?

1º – Os lusitanos iriam enfrentar a Franca, nosso algoz.

2º – O técnico de Portugal é o brasileiro Luiz Felipe Scolari

3º – Somos pátrias “irmãs”. (Ha Ha Ha)

Defesas entusiasmadas e até bandeiras portuguesas puderam ser vistas nesses últimos dias por aqui. A Globo, claro, deu uma mãozinha para isso.

Eu, de forma sarcástica, irônica e combativa decidi torcer pela Itália, alegando ascendência daquele país. Portugal, não!

Tudo bem, alguns torcem pelos portugueses porque queriam se vingar da França e tantos outros pelo Felipão. Mas não sei não, pode ser que eu esteja viajando, mas no fundo, no fundo, algo quase inconsciente, o brasileiro torceu para Portugal por eles serem nossa “pátria mãe”. Isso é psicológico.

Portugal, como se sabe, não foi nada bom para o Brasil. 322 anos de exploração desenfreada, uma independência comprada, segregação racial etc. Pois bem: Quando um povo ou uma pessoa é tirano e impõe autoridade a outrem. Este, que é reprimido, respeita, teme, admira e endeusa.

Será que aconteceu isso com o país do vira, do fado e do bacalhau? É para se pensar. E tem o outro lado também (a admiração de Portugal por nós), mas isso eu falo outro dia.

ÚLTIMOS PALPITES

Sim, sei que meus palpites são desprovidos de sorte e credibilidade, mas mesmo assim vou mandá-los.

Disputa do 3º lugar: Alemanha vence.

Final: Itália campeã.

O último post – Artigo

(10/07/2006)

Acabou mais uma copa. A Itália foi tetra. Achei a copa meio sem graça e não foi nem pela desclassificação merecida do Brasil. As copas na Europa geralmente são modorrentas, chatas e muito técnicas. O fato foi que a Alemanha não “comprou” a copa, como todos diziam. Fato também é que a Itália mereceu o tetra, nada mais bonito ver um “medalhão” do futebol ganhando o torneio, mantendo a tradição e alcançando o Brasil.

Calma, eu explico: O Brasil precisa de times no seu “calcanhar” em números de títulos, senão se acomoda e joga o futebol pífilo que jogou nessa copa. Por fim, confesso que gostei de escrever essas crônicas sobre a Copa do mundo. É a primeira vez que faço isso e vou continuar fazendo quando achar interessante. Voltamos a falar de Copa em 2010.

Este moço conta – Artigo

(15/07/2006)

Como conheceu a REALIDADE

Ano de 2004, 1. ano da faculdade de jornalismo e lá estou eu ansioso e cheio de planos. Moças bonitas, moços que parecem ser bacanas e professores passando velhos clichês do jornalismo, entre eles a REALIDADE. Até então, conhecia a REALIDADE apenas por nome, sabia que tinha sido revolucionária com grandes reportagens e boas fotos. Nada mais que isso.

Neste ano de 2006 fui acometido por uma vontade de estudar e conhecer mais esta publicação, primeiramente fui atrás através de pesquisas na internet, pesquisas essas cujo sucesso foram mínimo. Pouco tempo depois, foi sugerido por uma professora e por um colega de faculdade que fizéssemos o TCC (Trabalho de conclusão de curso), criando uma nova REALIDADE.

Confesso que o tema me cativou e a partir daí era ponto pacífico que eu precisava ter alguns exemplares de tais publicação em mão. Cerca de uma semana depois, em um desses sites de leilão da internet, vi uma venda que me chamava a atenção: 5 REALIDADE por R\$ 25 Reais. Pensei, analisei, hesitei um pouco, porém dei o lance, comprei as revistas e aguardei ansiosamente por 7 dias até elas virem do comprador, em Votorantim – SP, para as minhas mãos.

Quando chegaram, logo comecei a folhear e analisar os exemplares. 5 edições entre 1967 e 1971, o período de ouro da revista e definitivamente a qualidade técnica, fotográfica e de escrita eram superiores a das publicações da época. Passados alguns dias comprei mais exemplares e com certeza outros virão.

REALIDADE tinha um jornalismo interessante, não convencional, forte e persuasivo. Fazia v. refletir, não era uma leitura instantânea, factual e efêmera. Deixou de ser publicada em 1976 vendendo quase 500 mil exemplares, o motivo do fim? Várias suposições e nenhuma certeza.

A versão oficial é a de que “as revistas semanais a superava constantemente”, outros dizem que era a forte censura que pegava pesado, outros ainda afirmam que os altos custos da revista a tornou inviável.

Seja o que for projetos audaciosos como REALIDADE fazem falta no jornalismo atual. A revista entrou para a história da mídia nacional e nada mais justo que no ano em que se completa 40 anos de REALIDADE, prestar essa homenagem a ela com esse pequeno texto escrito de forma parecida com os que ela publicava. Uma de suas principais características.

FIM

Epopeia no Centro da Cidade – Pessoal

(25/08/2006)

Ando numas de querer me reciclar, atualizar e deixar de ser o velho bocó que sempre fui. Só que como o mundo é uma roda. Tudo acaba aonde começa e sempre encontraremos lembranças do passado no futuro. Hoje revivi de forma involuntária e desproposital um momento de 2003.

Naquele ano eu andava a Rua Marechal Deodoro (rua central daqui de SBC), quase que de cabo a rabo, com uma pasta cinza na mão e dentro dela um monte de currículos, deixava-os em agências, lojas e coisas do gênero, sem muita esperança, mas era um forma de passar o tempo, além de, porque não conseguir algo? Eu não fazia nada mesmo.]

Estava sem trabalhar e sem estudar mesmo (a faculdade viria em 2004 e o colégio acabara em 2002). Acontece que às 15h da tarde decidi pegar uma carona com a minha mãe, que iria a um curso lá perto, para dar uma olhada num sebo que tinha lá perto que eu frequentava em 2003 no início da rua.

Para minha surpresa ao chegar na frente do recinto me deparo com uma placa: “Mudamos para R. Ernesta Pelosini, esquina com Santa Filomena” Para situar: A Ernesta Pelosini é uma das últimas travessas da Marechal, lá embaixo (ou aqui embaixo, pertinho de casa).

E agora? Pegar ônibus para ficar 5 minutos nele? Nem pensar, vamos andando pela malfadada Marechal. Logo na primeira esquina já me deparo com uma “banca-sebo” (que eu já conhecia também), chego e pergunto para o senhor:

- Boa tarde, o senhor tem Realidade?
- Não. Só trabalho com revistas novas, alguns livros antigos e o que mais tenho é Playboy. Mas existe um sebo lá na “Rua da Matriz” com a Faria Lima
- Rua da Matriz? Qual? A Padre Lustosa ou a Rio Branco?
- Rio Branco, filho.
- Obrigado.

E em cada lugar que eu olhava vinham as lembranças de uma outra época, de um Caio em transição. O Itaú da América Brasiliense, a casa da minha finada bisavó, a Praça Lauro Gomes.

2ª parada: A velha “Lojas Americanas”, onde quantas vezes não entrava para descansar, olhar os CDs e comer alguma coisa na lanchonete tosca dela lá no fundão. Mais uma vez parei lá, para olhar CDs. Lá sempre tem bons preços, mas dessa vez não achei o CD que eu queria

E a caminhada no meio do povão continuava dezenas de moças e rapazes que tentam parar as pessoas com uma vontade insaciável e feroz de vender cartão e curso de computação.

Uma delas me parou:

- Moço já tem o cartão NONONONO?
- Não e nem quero ter. Sou desempregado.
- Desempregado?? Nossa não parece.

Nessa hora me deu vontade de perguntar por quê. Mas deixei quieto. Achei estranho, pois estava com um visual “cansado”.

Camiseta amarela, barba de 1 semana e óculos de grau.

- Sim, eu sou. Até mais.

E tudo continuava igual na Rua Marechal Deodoro, os mesmos botecos, bancos, povo, câmara de cultura e a velha Matriz.

Ah, a velha Matriz de São Bernardo. Apesar de não ter religião, sou de família católica e aquela igreja com toda a sua imponência amarela é digna de louvor. Um cartão postal.

3ª parada: Rua Rio Branco, no tal sebo. O problema é que o tal sebo simplesmente não existia, no local indicado funcionava mais um boteco dos centros decadentes de cidades médias e grandes. Saí e andei mais um pouco até entrar num outro velho conhecido: O Shopping coração.

É incrível, mas sempre acho que estou nos anos 80 nesse shopping. As fachadas das lojas, a estrutura, a pouca iluminação e tudo mais, de quebra fui atrás de um sebo na galeria bizarra que é a fina flor de uma boca do lixo que existe do lado do shopping, a Galeria Cury.

Nada lá também. Na minha peregrinação popular, cheguei ao cruzamento da Marechal com a Avenida Francisco Prestes Maia. Um clássico da cidade. Nada comparável a “Ipiranga com a São João”, mas tá valendo.

4ª parada: Sebo numa travessa da avenida. Acabei comprando a última edição da Realidade por 5 reais. O pessoal tem relíquias na mão e não dão valor, para mim é ótimo. A tia do sebo me fala de outro ali por perto, na Av. Imperador Pedro II. Beleza, lá vamos nós! Chegando lá, nada de Realidade. Nesse instante comecei a pensar: “Vou ter que começar a ir a São Paulo, atrás dessa revista”. Sem problemas.

Lembra do sebo da Rua Ernesto Pelosini? Tô pertinho dele. Antes uma passada no “Pão de Açúcar” para tomar uma coca cola. Ninguém é de ferro. Isso já era umas 16h, deu uma esfriada e o sol abaixou um pouco, mas estou perto de casa.

5ª parada: Sebo do Samuca

Cheguei lá e uma moça chacoalhava um carrinho de bebê, no rádio tocava sertanejo e....nada de Realidade. Este é o último sebo do dia. (ou não?) Não, não é. Lembrei-me de um outro corredorzinho

existente entre a Faria Lima e a Marechal que tem, entre outras coisas, um camarada que vende discos. É a sexta parada.

Fui lá, apenas para olhar. Papo vai, papo vem, começamos a falar de Queen, Robertão, Chico, O Terço, Secos e Molhados etc. No fim saio de lá com um compacto raríssimo do Roberto Carlos que tô pensando sinceramente em passar pra frente. Ele é de 1970 e tem uma versão só voz e violão de “Meu Pequeno Cachoeiro”, feita especialmente para esse compacto.

Ufa! 16h40 e eu estou cansado, suado e precisando de um banho e descansar. Mas antes uma loja de CD do outro lado da rua me tenta e lá vou eu em direção a ela. Lá tem bons CDs em promoção, entrei lá e o rádio da loja toca um CD do Khaled. É, aquele mesmo que fez sucesso uns anos atrás aí.

Chega perto de mim uma tia, se dizendo vendedora e depois de uma conversa com a empulhante funcionária que (tentava) cantar a música que tocava na rádio da loja,

saio de lá com os dois últimos CDs do Rappa por 20 reais (10 cada). Preço muito bom!

Estou ficando diferente mesmo, quem diria que eu estaria comprando CDs da década vigente. Isso também é muito bom! Saindo de lá, ainda tenho que aturar um “companheiro” me entregando adesivos do PT.

Chego em casa, tomo banho e descanso e começo a lembrar da tarde de hoje. E a imagem que sempre me vem é de uma Marechal árida, quente, sufocante, com um sol escaldante e seres humanos vivendo como loucos. Sempre tive essa imagem dela. A imagem de que todos bailam perdidos, procurando alguma coisa.

E na verdade falta alguma coisa. O quê, eu não sei.

O Cara – Relato pessoal

(09/02/2007)

Definitivamente José Hamilton Ribeiro se tornou um dos meus maiores ídolos. Já o admirava, agora ainda mais. Você talvez possa estar se perguntando, “Mas quem ele é?” ou então “O que tem demais esse senhor do Globo Rural?”. Pra quem não sabe vai um breve resumo da carreira desse homem que já passa dos 70 anos e cativa as pessoas com sua humildade e larga experiência profissional.

José Hamilton Ribeiro começou a carreira de jornalista em 1955 aos 20 anos como repórter da Folha de São Paulo, depois em 1960 participou da equipe criadora da revista “Quatro Rodas” na Abril ficando lá até 1966 quando boa parte da redação da revista saiu para montar a histórica “Realidade”. E foi em “Realidade” que ocorreu algo que mudaria a carreira. Ao cobrir a Guerra do Vietnã, em 1968, pisou em uma mina terrestre e teve sua perna esquerda amputada. O jornalista nos relatou sua agonia em uma brilhante e clássica matéria na edição de Maio da revista.

Depois de alguns anos foi para a “Veja”, ainda nos anos 70 com um grupo de jornalistas foi interior afora criar jornais experimentais (um dos mais famosos foi o ‘Dia e Noite’ de Ribeirão Preto). Em 1980 é contratado pela TV Globo onde está até hoje e trabalha no Globo Rural. Zé Hamilton é o recordista em número de prêmios Esso recebidos. Foram 7.

Bem, depois desse pequeníssimo resumo da carreira desta figura, contarei o que me levou a escrever essas palavras. Sábado passado, 3 de fevereiro, fomos à Praça Benedito Calixto no Alto de Pinheiros, em uma feira de artesanato que acontece por lá.

Nesse dia além da feira, aconteceu o “Autor Na Praça”, atração que leva um escritor de livros para autografar suas obras em algum ponto de São Paulo. Naquele sábado estavam lá na praça o Ricardo Kotscho e o Zé Hamilton autografando seus últimos lançamentos, “Do Golpe ao Planalto” e “O Repórter do Século”. Eu tinha os dois livros e por que não ir lá autografá-los? De quebra tentar bater um papo com o José Hamilton, que é fonte de pesquisa para o meu TCC (que é sobre a Realidade).

Chamei alguns colegas de grupo e juntos fomos para a praça, naquele sábado escaldante. Chegando lá, avistamos em uma tendinha aquele senhor franzino, de rosto pacato. Para mim, eu estava na frente de um mito do jornalismo brasileiro. Quem não tinha o livro comprou e recebeu o autógrafo. Demos uma bela passeada pela feira, tomamos uma cerveja e depois sentamos em uma pequena arquibancada que ficava bem em frente à tenda. Pouco tempo depois nos surpreendendo, José Hamilton sentou perto de nós e ficou dando entrevistas.

Ficamos na espreita esperando a primeira oportunidade para conversar com ele. Quando a entrevista terminou, nos aconchegamos ao seu lado, nos apresentamos e ele foi contando casos, histórias e respondendo pacientemente nossas perguntas. Não considero aquilo uma entrevista, mas sim um bate papo informal. Depois de uma meia hora de papo fomos embora. Já estava quase anoitecendo e eu saí de lá mais fã ainda de Hamilton Ribeiro.

Uma lenda viva do jornalismo que participou da fundação de várias publicações, correspondente de guerra (o único brasileiro no Vietnã)

enfim, um dos mais conceituados profissionais desse país e dotado de uma humildade e generosidade que me impressionou. Nessa hora, ali mesmo no metrô eu pensei: “Poxa, tanta gente nesse meio que não vai chegar a nem 5% da importância desse cara e também não terá nem um pouco do talento dele, mas demonstra uma arrogância olímpica. E esse senhor com a bagagem que tem, é humilde desse jeito?”.

Alguma coisa está errada. Alguma coisa sempre esteve errada.

A Linha Amarela – Crônicas

(09/06/2007)

Na cidade grande a vida é tão efêmera que não temos tempo nem para analisar nossas próprias atitudes. O que fazemos o que falamos o que pensamos tudo isso, mesmo que sendo imoral ou anormal, passa como algo corriqueiro, por causa da correria do dia-a-dia. Outro dia ao abrir o jornal li a seguinte notícia: “RJ: Homem cai nos trilhos e metrô é interrompido”. Para minha surpresa, 3 dias depois um site noticiou: “Pessoa cai nos trilhos da CPTM no Brás e morre”. Um amigo meu que anda todo dia pelos trilhos de São Paulo vive me dizendo: “Hoje o trem atrasou. Alguém queria se jogar nos trilhos”.

A primeira coisa que procuro saber quando leio estas notícias é o que fez a pessoa despencar no meio fio. Mal súbito, labirintite, loucura ou coisa assim? Não. Na maioria dos casos é a pura distração, é a ultrapassagem da simpática linha amarela de segurança sem perceber (ou percebendo, sim).

A espera pelo trem é um calvário para as pessoas. Os pensamentos viajam em problemas, amores, e porque não em como o trem vai estar. Você olha no relógio da estação, olha a sua volta e pensa: “Xiii tá enchendo de gente. Será que vai demorar muito?”

Ninguém responde. Nem mesmo o atencioso homem que clama por um trocado, pois está desempregado. Nada do trem chegar. Vamos olhar para as pessoas ao redor. Gente feia, bonita, aquele que é pra casar, o outro parece com um ex-namorado, a outra parece com aquela menina bonitinha que você insiste em querer algo. Nada do nosso amigo de vagões chegar.

O tempo vai, o tempo vem, e você ansioso começa a olhar para o horizonte. Primeiro na direção contrária da onde vem o trem, admirando sabe se lá o quê. Pra falar a verdade àqueles prédios velhos e fábricas abandonadas começam a ficar atraentes. Sim, é a beleza urbana que você nunca havia reparado. Que coisa! Você passa por ali todo dia e nunca notou aquele amontoado de tijolos.

Vamos continuar admirando a paisagem? Sim, mas agora do lado em que o trem vai passar. Nesse instante as pessoas tentam avistar nosso meio de transporte. Nada! Nem um barulhinho, nem um pontinho lá no fim da vista. Você vai querer ver mais um pouquinho e aí você nota a beleza do trilho aos seus pés. Bitucas de cigarro e ratos convivem pacificamente. Nossa mas será que os ratinhos fazem buracos na plataforma?

Não sei na dúvida o melhor é se aproximar mais dos trilhos e nisso ouve-se um barulho chegando: “Fiiiiiiiiiiii”. É o trem. Aquele que pode ser das 7 ou das 11 horas. Espanhol, inglês ou brasileiro. Bala ou aero. Ele está bem próximo. As pessoas já se amontoam perto da faixa amarela. E por falar em faixa amarela só agora que você notou que estava longe dela.

O jeito é óbvio, tentar voltar. A multidão te espreme e o trem passa e como num cumprimento ao povo joga um belo golpe de ar em todos, inclusive em você que já estava sem muito equilíbrio...

Ê vida moderna. Ê mundo corporativo. Tudo é muito rápido, veloz e contraditório. Nos perdemos tentando ver os ratos e as bitucas nos trilhos e às vezes caímos por aí. E tudo isso sabe por quê? Por causa do tédio de esperar a condução e por não respeitar a nossa amiga que está sempre ali.

Brilhante ou fosca, clara ou mais escura, mas sempre ela. A nossa guardiã das tendências suicidas, a linha amarela.
